

# Ponderações sobre a Espiritualidade Cristã em contexto de Responsabilidade Cósmica

ALEXANDRE FREIRE DUARTE\*

«The poetry of earth is ceasing never»

John Keats – *On the Grasshopper and Cricket*

## RESUMO

Este estudo, após se deixarem patentes algumas reservas acerca de certos aspectos da actual febre ecológica, foca-se na importância, para a espiritualidade cristã, de uma saudável relação com o Cosmos, partindo, seguidamente e alicerçando sobretudo na doutrina de Máximo o Confessor sobre os logoi das criaturas, para dois sub-apartados que são duas vertentes inseparáveis de uma mesma realidade: a consideração da dimensão sacramental da Criação e a contemplação da mesma. Todo o presente trabalho surge elaborado a partir do contributo de alguns dos mais relevantes teólogos e autores espirituais do património cristão, não menos para se contrapor certa busca coeva, mesmo entre teólogos cristãos, de alicerces teóricos para o tema de fundo deste estudo noutras tradições religiosas.

**Palavras-chave:** Cosmos; Responsabilidade; *logoi*; Contemplação; Sacramentalidade; Espiritualidade; Virtudes

---

\* Doutor em Teologia pela *Universidad Pontificia Comillas* | Madrid; especialista em Teologia espiritual e mística; docente no *Centro de Cultura Católica* do Porto e na Faculdade de Teologia da *Universidade Católica Portuguesa* (Braga e Porto).

**ABSTRACT**

This study, after leaving some reservations about certain aspects of the current ecological fever, focuses on the importance, for Christian spirituality, of a healthy relationship with the Cosmos, starting with the doctrine of Maximus the Confessor. The logoi of the creatures, for two sub-sections that are inseparable two aspects of the same reality: the consideration of the sacramental dimension of Creation and the contemplation of it. The whole of this work is based on the contribution of some of the most important theologians and spiritual authors of the Christian patrimony, not least to oppose a certain search, even among Christian theologians, of theoretical foundations for the background theme of this study in other religious traditions.

**Key words:** Cosmos; Responsibility; logoi; Contemplation; Sacramentality; Spirituality; Virtues

0. Na nossa opinião é importante que se saiba, logo a partir do início deste texto – que será escorado, na sua virtualidade discursiva, sobretudo com dados provindos da grande tradição espiritual cristã –, que nunca estivemos grandemente preocupados com questões ecológicas.

É verdade que crescemos ao ar livre: correndo, saltando, ferindo-nos nos rochedos das praias ou nos bosques e silvados; admirando a beleza das grandes montanhas que víamos sempre que na televisão passavam as maravilhosas etapas alpinas ou pirenaicas do “*Tour de France*”; encantando-nos com a estranha maneira como a, sempre diferente, Criação produzia, com ou sem a ajuda humana, alimentos deliciosos cujo sabor era suficiente para transformar um dia tristonho num momento de encanto. Todavia, nada disto nos fez estar reflexivamente atentos àquelas problemáticas para as quais a própria macro-intertextualidade soteriológica bíblica nos poderia ter alertado.

A partir de certo momento, tal alheamento não-linear tornou-se ainda mais vincado. E isto, por dois motivos que apresentaremos separadamente e em dois parágrafos, de forma a darmos, a ambos, o relevo, também gráfico-visual, que acreditamos que merecem. Em primeiro lugar, devido a circunstâncias que, na nossa nada constante formação académica, nos deram a conhecer situações nas quais, de modo voluntário e aquando das primeiras ondas de financiamentos europeus para a produção de energia baseada em fontes renováveis, se forjavam dados para se dar a impressão que, sem tal produção, o planeta seria insustentável. A ecologia, portanto e naquilo que nos parecia absolutamente indevido, como *slogan* ao serviço do dinheiro.

Em segundo lugar, também fomos acompanhando uma série virtualmente infundável de estudos que se revelaram: facciosos, como aqueles falsificados pela NASA, pelo IPCC da ONU, pelo NSIDC, pelo NOAA ou pelos investigadores que estiveram por detrás do famoso filme “*Uma Verdade Inconveniente*” de Al Gore – esse que dizia que, no ano de 2013, já não existiria gelo no Ártico

–; financiados por grupos económicos que desejavam instalar o pânico acerca das transformações ecológicas, de modo a que os seus produtos fossem assim desejados e adquiridos; em 90% dos casos, baseados em circuitos fechados de dados que se limitavam a remeter, como fundamento das suas conclusões, para 5 ou 6 estudos de base que, algumas vezes, já tinham sido desmentidos.

Por fim, e para findarmos esta “declaração de interesses”, não podemos deixar de admitir que, também devido porventura ao que referimos nos dois parágrafos precedentes, sempre nos pareceu um exagero imenso a “febre ecológica” – e recordemos que a ecologia, em si mesma e enquanto ciência, considera o meio ambiente como um sistema estanque à acção divina<sup>1</sup> –, sobretudo a decorrente do se querer veicular a hipótese das alterações climatéricas meramente antropogénicas. Um exagero quase que elevado ao estatuto, estranhamente aplaudido dentro de algumas correntes teológicas que se afirmam cristãs, de culto panteísta ou neo-pagão em torno da grande deusa Gaia<sup>2</sup>.

Dito isto – que não podíamos deixar de referir, sob pena de tudo o que viéssemos ainda a mencionar pudesse soar, pelo menos à nossa consciência, como uma desonestidade –, não podemos negar que, no nosso Mundo talvez pós-palavra e adepto do *des*-dizer, há um grave problema na relação entre a humanidade e as demais criaturas. A parcela do Cosmos a que denominamos, de modo propositadamente crítico ou não, “Terra” está a ser mais explorada do que nunca – e, sem qualquer rasto espectral de consciência, preparamo-nos para fazer o mesmo com outros corpos do Sistema Solar. Aqui temos uma evidência que revela, directa ou indirectamente e por parte da humanidade, um genuíno transtorno, propriamente religioso, na compreensão quer da sua vocação, quer da das demais criaturas. Também isto patenteia, no cenário coevo do fascínio pelo vazio que se vai preenchendo por propostas de vida absolutamente opostas à cristã, a falta de saúde da nossa vida espiritual cristã.

O motivo para isto, que expusemos na nossa derradeira frase, é, mesmo que possa haver quem divirja de nós, fácil de entrever. De facto, a precedentemente mencionada vida não é, quando vista a partir da ponderação de uma sua dimensão subjectiva que evite todo o encantamento verbal, uma realidade separada da existência diária de qualquer baptizado. Ela é esta mesma existência enquanto vivida segundo a inviolada dinâmica da acção amorosa de um Espírito Santo que nos configura, pelos labirintos da

---

<sup>1</sup> Esta é, justamente, a razão que nos levou a ter o cuidado em não falar de “espiritualidade ecológica”, que é um binómio que, levando a sério o sentido estrito dos termos que o constituem, não é senão uma contradição nos termos.

<sup>2</sup> Cf. Rosemary Radford Ruether, *Gaia and God: an ecofeminist Theology of Earth Healing* (New York: HarperCollins, 1992).

confiança recíproca, com Aquele que no-Lo doou pascalmente (cf., *v.g.*, Jo 20, 22) para nos guiar para o Pai.

Resulta deste modo que o modo como vivemos essa existência, no horizonte com-criatural em que estamos iniludível e indissociavelmente inseridos – mesmo que sob uma montanha de prejuízos ingressivos –, não deixa de ter implicações para a mesma. É neste justo sentido que a espiritualidade cristã não pode não se preocupar com tudo o que diz respeito à, jamais insignificante, inacessivelmente fendida moldura cósmica em que existimos. Aquilo que ainda viermos a escrever neste estudo será sempre um intento de reflexão sobre algumas das potencialidades desta derradeira constatação.

1. Como já tivemos o cuidado de deixar patente, a existência espiritual de cada cristão é levada a cabo numa rede inconsútil de relações, formada com outras pessoas no seio de um Cosmos de que o Mundo não é mais do que uma ínfima e metamorfoseável parte. Este Cosmos, segundo a convicção bíblico-cristã, é uma criação do Deus-Amor (cf. 1Jo 4, 8.16) que, naquilo que pode ser entendido já como uma autêntica, ainda que análoga, crucifixão<sup>3</sup>, lhe dá a existência a partir da plenitude infinita do Seu amor, e não a consequência, por mais que enfermiça na sua insone, de um simples moldar de uma matéria pré-existente que fosse «perecível e mutável»<sup>4</sup>. Isto, desde logo, aponta, por um lado, para a densa fragilidade do Cosmos – no sentido deste não subsistir por si mesmo – e, por outro, para a sua firme fundação – decorrente do facto de existir pela vontade, livre e soberana<sup>5</sup>, de um Deus que a tudo sustém como a uma «avelã na palma da [...] mão»<sup>6</sup>. Na perspectiva cristã, sempre a apontar para esferas de correlações, isto deve ser encarado a partir do horizonte do amor que reside no coração do mistério cristão e, assim, no âmago da percepção cristã acerca do sagrado. O sagrado do amor que pode ser vislumbrado em todas as realidades excepto naquela única que, em derradeira análise e fora de qualquer anarquismo conceptual, é radical e totalmente profana: o desamor ou pecado.

Foi justamente o já mencionado desamor – decorrente de uma «falta de sabedoria»<sup>7</sup>, que levou o ser humano a querer «apropriar-se das coisas de Deus,

<sup>3</sup> Cf. C. S. Lewis, *Letters to Malcom: Chiefly on Prayer* (New York: Harcourt Brace), 1964, p. 44.

<sup>4</sup> Aristides de Atenas, *Apologia*, 4, in MENZIES, Allan ed., *Ante-Nicene Fathers*, vol. 9 (New York: Scribner's, 1912), p. 266.

<sup>5</sup> Cf. Atenágoras de Atenas, *De resurrectione mortuorum*, 2, 2, PG, 6, 996 C-D.

<sup>6</sup> Juliana de Norwich, *Sheweings*, 5. In Crampton, Georgia Ronan (ed.), *The Sheweings of Julian of Norwich* (Kalamazoo: Medieval Institute Publications, 1994), p. 43.

<sup>7</sup> Basílio Magno, *Homiliae et sermones*: 9: *Deus non est auctor malorum*, 9, PG 31, 345A. Todas as traduções dos textos que apresentaremos neste estudo são da nossa responsabilidade.

sem Deus, antes de Deus, e não segundo Deus»<sup>8</sup> – que, segundo a perspectiva em que nos estamos a mover, deu origem a trágicas, ainda que não dramáticas, cisões no interior da Criação. Mais diremos: e entre esta – enquanto submetida, devido a uma falta de tacto espiritual, a uma vaidade humana obliterante da bondade original (cf., *v.g.*, Rm 8, 20) – e o Criador Todo-Amoroso. Em consequência disto e medindo o pulso a toda a frequência de ecos, somente sendo conscientes do grau em que, como humanidade, falhámos na nossa missão espiritual incarnada na história, podemos pressentir, aquém de toda a trivialidade anónima, quão profundamente o Mundo está necessitado de cura e de uma plenitude que nele ainda não existe totalmente.

A degradação na e da Criação – que muitos chegaram a dizer que tinha a sua origem numa, claramente treslada e assim paródica, relação genesíaca de tirano domínio humano sobre as demais criaturas terrestres (cf. Gn 1, 28s) e, inclusive, na própria negação do animismo operada pela evangelização cristã<sup>9</sup> – é uma indicação substancial disto. De todos os modos, é na medida em que percebemos o Mundo como a boa criação de um Deus fiel que podemos confiar – com aquele crer que já é um desdobrar, jamais momentâneo, do amor – que todo o Cosmos e, assim, este “planeta azul” nele integrado serão capazes de ser sanados pelo amor do Amor que Deus é. E isto, ainda que este imensamente discreto Deus-Amor, em tudo o que se reporte à esfera da liberdade humana, não curto-circuite as nossas livres decisões e acções: «[Deus] não elabora planos independentemente dos Seus filhos; e – sendo o Seu desígnio que eles sejam livres, activos e vivos – Ele garante que espaço de criatividade seja permitido para elas»<sup>10</sup>. Aquelas através das quais também nos devemos empenhar para encaminharmos, com Ele, o Cosmos para a sua meta definitiva na, belamente denominada pelo tão cedo passado Ruiz de la Peña, páscoa da Criação<sup>11</sup>.

Pois bem, a partir deste cenário, antes sumariamente descrito, o ser humano – enquanto criatura inteligente, livre, consciente e capaz de se reconhecer como uma ausência real alienada de si sem Deus – é criado como um receptáculo aberto para a Auto-doante vida do Deus-Amor. Todavia, se da parte de Deus este potencial da natureza humana – o qual podemos apelidar de “potencial responsorial” – foi levado à sua máxima realização no mistério eterno do amor de Jesus Cristo (cf. Jo 19, 30), da nossa parte, contudo e também como sinal de uma nossa grandeza espiritual (cf. 1Cor 3, 9) capaz de rejeitar todo o pulveri-

<sup>8</sup> Máximo o Confessor, *Ambigua*, PG 91, 1156C.

<sup>9</sup> Cf., *v.g.*, Lynn White Jr., *The Historical Roots of our Ecologic Crisis*. In *Science*. New Series, vol. 155, n.º 3767 (1967) 1203-1207; John Passmore, *Man's Responsibility for Nature: Ecological Problems and Western Traditions* (London: Duckworth), 1974.

<sup>10</sup> George MacDonald, *Unspoken Sermons*, II, 5, 1.

<sup>11</sup> Cf. Juan Luis Ruiz de la Peña, *La Pascua de la Creación: Escatología* (Madrid: BAC), 1996.

zar egolátrico, tudo está sempre por ser feito<sup>12</sup>. Sermos plenamente humanos – particularmente nos dias de hoje em que vamos despertando, com ou sem aritméticas publicitárias, para a vertente cósmica da nossa condição criatural – passa, portanto e precisamente, por estarmos intimamente envolvidos no cuidar, de um modo integral que aponte para o seu já operado epílogo, do Cosmos.

Por mais que algumas mudanças tangenciais no nosso ser nos convidem a mirar em sentido oposto, não tenhamos dúvidas: o destino humano e o do Cosmos estão interconectados, sobretudo devido a uma dupla co(m)-vivência que desejamos que fique, nesta ocasião, bem patenteada. Por um lado, nós vivemos no Cosmos e se a porção deste a que chamamos “Terra” for descuidada, quer esta, quer parte da vida nesta podem, em última análise, perecer. Por outro lado e como tentarei deixar mais claro a jusante deste ponto, este Cosmos também vive por nós até à celebração definitiva do sucesso da graça de Deus num Cristo Jesus que, como sabemos (cf. *Rm.* 11,36; *Col.* 1,16s), é a base, o sustentáculo e o Ponto Pessoal da convergência da própria caminhada cósmica<sup>13</sup>. Eis uma celebração, que, no fundo, é a realização plena da finalidade divina na Sua criação.

Por aqui aflora o reconhecimento de que, cristologicamente falando, a espiritualidade, em contexto de responsabilidade cósmica, considera a Jesus como o Senhor da Vida e de toda a vida, logo, inclusive, da nossa vida física, química e biológica. E isto em todas as suas extensões universais que fazem, por exemplo, da nossa carnalidade – «pela qual somos simultaneamente exercitados para sair para fora de nós mesmos, e conduzidos para dentro do nosso mais íntimo ser para aí encontrarmos a Deus»<sup>14</sup> – a totalidade do universo particularizado em cada instante pelo nosso próprio “eu”<sup>15</sup>. O Logos não só Se envolveu na Sua Criação (cf., *v.g.*, Jo 1,3), mas «concentrou-Se»<sup>16</sup>, tornou-Se carne e existiu na mesma (cf., *v.g.*, Jo 1,14), vivendo e falando de virtudes que também podem expressar um real cuidado com a Criação, tais como a mansidão (cf., *v.g.*, Mt 11, 29), o desapego (cf., *v.g.*, Mt 8, 20) e a auto-limitação (cf., *v.g.*, Jo 6, 38) – aqui voltaremos um pouco mais adiante.

Com a morte-ressuscitante de Jesus, Este revela-Se plenamente como o meio vital e a meta da vida de toda e qualquer criatura<sup>17</sup>, dado que salvou, não só os seres humanos, como – porquanto a redenção de todo o Cosmos<sup>18</sup> está

<sup>12</sup> Cf. Maurice Zundel, *La poème de la sainte Liturgie*, 7ª edição. (Paris: Desclée de Brouwer; Saint-Maurice; Saint-Augustin, 1957), p. 156.

<sup>13</sup> Cf. Pierre Teilhard de Chardin, *Le phénomène humain* (Paris: Seuil), 1956, p. 298-303.

<sup>14</sup> George MacDonald, *Unspoken Sermons*, I, 12, 8.

<sup>15</sup> Cf. Xavier Léon-Dufour, *Résurrection de Jésus et message pascal* (Paris: Seuil), 1971, p. 302.

<sup>16</sup> Máximo o Confessor, *Ambigua*, PG 91, 1285C.

<sup>17</sup> Cf. Hildegarda de Bingen, *Liber divinatorum operum*, 1, 4, 14, PL 197, 813D.

<sup>18</sup> Cf. Máximo o Confessor, *Ambigua*, PG 91, 1308C.

conectada com a dos seres humanos (cf., *v.g.*, Jo 3, 16; Rm 8, 19; Ap 21, 1) – todas as demais realidades (cf., *v.g.*, Col 1, 20). Por outras palavras: a recriação e a cura permitidas pela reconciliação operada por Deus (cf., *v.g.*, 2Cor 5, 19) através da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo incluem, não só a sanção espiritual da humanidade em si mesma, mas, igualmente, a cura e a recriação – quer as incertamente actuais, quer as exactamente antecipadoras das plenas – das nossas relações com a restante Criação<sup>19</sup>.

Do anteriormente dito resulta que, na prática e em qualquer reavaliação finita que possa ser feita, a espiritualidade cristã deve realizar uma dupla acção de édito actual. De um lado, precisa de abraçar, num imperativo fulgor, não só a nossa carnalidade – essencial para uma nossa existência neste Universo espaço-temporal criado por Deus e a partir do qual tal nossa carnalidade foi formada (cf., *v.g.*, Gn 2, 7)<sup>20</sup> –, mas também as nossas conexões essenciais<sup>21</sup> com o Cosmos. Por outro lado, precisa de, compondo e recompondo a cadeia diacrónica de eventos numa sincronia cairológica, antecipar a cura definitiva de toda a Criação. Uma Criação à qual estamos conectados, na qual estamos naturalmente embebidos e da qual estamos, passiva e activamente, dependentes.

Sendo assim, é importante reconhecer que aquilo que previamente mencionámos comportará o reacender, de certo modo ascético-espiritual<sup>22</sup>, das nossas ligações espirituais com a Criação. Ligações essas que, mesmo na inadequação de qualquer tentativa de simetria, demonstrem um cuidado sincero e efectivo por um Cosmos – sempre permeado por Deus – de que também fazemos parte. Isto deve ser, e não pode deixar de ser, parte integrante dos aspectos transformadores de uma espiritualidade cristã que esteja atenta ao facto de que a Criação ainda precisa de ser, no que a nós concerne, libertada. E atenta ainda à realidade de que a Cruz de Cristo – que abraça todo o ser humano e todo o Cosmos, a ponto deste como que ter a sua forma (cf. Jo 12, 32)<sup>23</sup> – também está golgoticamente presente onde a própria sobrevivência da Criação está em causa.

Se os seres humanos assim o desejassem e estivessem não fortuitamente conscientes da sua vocação à responsabilidade (ao responderem a um olhar com outro olhar), poderiam permitir a todas as criaturas a graça de desfrutarem do

<sup>19</sup> Cf., *v.g.*, John J. O'Keefe, "Creation, Incarnation, and Resurrection", in Richard Miller (ed.), *God, Creation, and Climate Change: A Catholic Response to the Environmental Crisis* (Maryknoll: Orbis Books), 2010.

<sup>20</sup> Cf., *v.g.*, David. G. Horrell, *The Bible and the Environment: Towards a Critical Ecological Biblical Theology* (Oakville: Equinox), 2010.

<sup>21</sup> Cf. Teodoro de Mopsuéstia, *Questiones in Genesim*, 20, PG 80, 109A-113A.

<sup>22</sup> Cf. Gregório de Nissa, *De hominis opificio*, 4, PG 44, 135s.

<sup>23</sup> Cf. Justino de Siquém, *Apologia prima*, 60, PG 6, 418A; Gregório de Nissa, *Oratio catechetica magna*, 32, PG 45, 79B-C; 81 B-C.

direito de serem apreciadas e não abusadas. Poderemos ser levianos no uso de e no dano infligido nas criaturas que reconhecemos ser presenças santas de Deus? Não, não podemos. Se o fôssemos, estando como que desorientados em pleno oceano, estaríamos a feri-las, a ferir o restante Cosmos, a ferir-nos e até a ferir o próprio Criador. A nossa conexão com a Criação liga-nos, de crepúsculo a crepúsculo, a Deus e motiva-nos a amar ao Mesmo e ao próximo também pelo respeitar e cuidar do que Ele fez (cf., *v.g.*, Gn 1, 1ss) e faz (cf., *v.g.*, Jo 5,17.19s) e, assim, Lhe pertence amorosamente (cf., *v.g.*, Sl 24,1).

O Cosmos, suscitado por Deus – que é o «Pai de todas as criaturas»<sup>24</sup>, como refere um místico do séc. XIV –, é-nos inseparável e é um facto que o encontro com Deus comporta, sempre e protectoramente, o crescer numa cristificação que leva consigo a participação no mais amplo desígnio divinizador, salvífico e criador de Deus<sup>25</sup>. Um desígnio de amor que inclui a nossa conexão com, e um fiel cuidado por, uma Criação através da qual Deus também Se dá pelo pão e o vinho eucaristizados, donde, até por isso e dentro de qualquer apreciação estético-espiritual viável que se possa cogitar, é necessário cuidar das condições para a existência daqueles dons: desprezá-las é desprezar a Cristo<sup>26</sup>.

Nisto, a espiritualidade cristã não está a ser senão a vivência subjectiva da “teologia da criação”, a qual provê a base para uma compreensão da realidade humana e do entrançado de relações dentro das quais, com gradualidade referencial, cada vida humana deve ser vivida e amadurecida. Também isto – em contraste com distintas filosofias niilistas que, paradoxalmente, se uniram em tanta gente avessa (e, quanto a isto, bem) à ideia de que o meio-ambiente poderia ser um mero cenário dispensável ou degradável para a acção humana – conduz à constatação, porventura de difícil determinação nos seus enredos suscitadores, do carácter gracioso de toda a realidade criada<sup>27</sup>.

Ao falar-se em tal constatação, de difícil dissolução uma vez assumida, está-se a dizer-se que aquela existência não é um mero facto bruto accidental nem uma condenação teomáquica, mas um dom da Fonte amorosa de toda a realidade: «a natureza é expressão de um desígnio de amor e de verdade. Precede-nos, tendo-nos sido dada por Deus como ambiente de vida»<sup>28</sup>. Assim, a existência criada deve ser aceite, afirmada, cuidada e levada à sua plenitude, não

---

<sup>24</sup> Gheeraert Appelmans, *Glose op het Vaderons*, 1. In Rik Van et al. (ed.), *Late Medieval Mysticism of the Low Countries* (New York: Paulist Press, 2008), p. 67.

<sup>25</sup> Cf. Émile Mersch, *Le Corps Mystique du Christ : Études de théologie historique*, vol. 2 (Louvain: Museum Lessianum, 1933), p. 347.

<sup>26</sup> Cf. Ireneu de Lyon, *Adversus haereses*, 4, 18, 3, PG 7.1, 1025B-1026C.

<sup>27</sup> Cf. Leão Magno, *Sermones*, 10, 1, PL 54, 164B-C.

<sup>28</sup> Bento XVI, *Caritas in Veritate*, 48. In AAS 101 (2009) 684.

menos porque, como temos vindo a averiguar, é nela que a nossa peregrinação espiritual deve ser levada a cabo enquanto realização, progressiva e enlevada, de um amoroso intuito «incriado e criador»<sup>29</sup>.

Quando vista desta perspectiva, a espiritualidade cristã não é uma fuga deste Mundo para Deus, mas uma via em, e com o Mundo *ur*-criado por um Deus que é – numa das menos descoloridas apreciações místicas cristãs – o Abismo misterioso e pessoal que envolve e penetra toda a história humana. De facto, esta dimana de tal Abismo e é n’Ele que, em última análise, encontra a sua realização – particularmente pela reflexividade agradecida do ser humano cristificado – num deixar-se alcançar pelo amor<sup>30</sup> do Amor que Deus é. Um «Abismo de Amor»<sup>31</sup> em Quem, ultimamente, só se encontra a superação de todos os paradoxos inerentes à Sua relação com a Criação:

«Sobre todas as coisas, sob todas as coisas;  
 Fora de todas as coisas, dentro de todas as coisas;  
 Dentro de todas as coisas, mas não incluído;  
 Fora de todas as coisas, mas não excluído;  
 Sobre todas as coisas, mas não exaltado;  
 Sob todas as coisas, mas não subjugado;  
 Sobre tudo, regendo  
 Sob tudo, sustendo»<sup>32</sup>.

Eckhart de Hochheim irá nesta mesmíssima linha. Reflectindo acerca da “*creatio continua*” (que não é menos uma “*salvatio continua*”), o grande “*Leben meister*” do Reno celebrará o deslumbramento perante o facto de que todas as criaturas saem de Deus, mas, simultaneamente, permanecem n’Ele: «quão mais Deus está nas coisas, mais Ele está fora delas, e quão mais está fora, mais está dentro»<sup>33</sup>. Sendo a transcendência do Criador tão infinitamente transcendente, Ele pode ser imanente à Criação, mas sem Se confundir com ela, estando, antes, nela no «nenhum-lugar físico que é o todo-lugar espiritual»<sup>34</sup>.

<sup>29</sup> Gregório de Nissa, *In Cantica canticorum*, 6, PG 44, 885D

<sup>30</sup> Cf. Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais* [235s]. Braga: A.I., 1999, p. 122.

<sup>31</sup> Marie de L’Incarnation, *Lettre a une de ses sœurs* [97], in Pierre François Richaudeau (ed.), *Lettres de la révèrende mère Marie de l’Incarnation*, vol. 1 (Paris: Librairie internationale-catholique, 1878), p. 420.

<sup>32</sup> Hildeberto de Lavardin, *Carmina miscellanea*, 71: *Oratio devotissima ad tres personas sanctissimae Trinitatis*, lin. 7-14, PL 171, 1411.

<sup>33</sup> Eckhart de Hoccheim, *Predigten*, 30, in Josef Quint (ed.), *Meister Eckhart: Die deutschen Werke*, vol 2. (Stuttgart: Kohlhammer, 1971), p. 94.

<sup>34</sup> Anónimo, *The Cloud of Unknowing*, 68. In Hodgson, Phyllis, ed., *The Cloud of Unknowing and Related Treatises on Contemplative Prayer* (Exeter: Catholic Records Society, 1982), p. 67.

A espiritualidade cristã com sensibilidade cósmica não se pode furtar, jamais, a estes paradoxos.

2. Se o que afirmámos no apartado anterior está alinhado com a verdade – e acreditamos, firme e sinceramente, que está –, então a espiritualidade cristã precisa, urgentemente, de dar relevo à presença de Deus em toda a Criação e à primazia da contemplação operativa. Veremos isto em dois sub-aptados, que serão como a “face” e a “contra-face” de uma mesma realidade – facto que nos impedirá “fugas para a frente” e levará a regressar, em ondas sucessivas, aos mesmos tópicos. Assim sendo, começaremos pela consideração sacramental do Cosmos e terminaremos na ponderação das ramificações contemplativas da aludida consideração.

2.a) No que concerne à Criação enquanto local diáfano-sacramental da presença actuante de Deus «no coração de um Universo ardente»<sup>35</sup>, podemos principiar por uma constatação basilar. A saber: se todas as criaturas dependem d’Este para as suas existências e subsistências (cf., *v.g.*, Is 40, 12)<sup>36</sup> – a ponto de se poder dizer, com toda a propriedade, que «tenderiam para o nada, em virtude da sua natureza, se não fossem cuidadas por Deus»<sup>37</sup> –, então, todas elas, partilhando o ser de uma única Fonte, são uma misteriosa matriz para a mencionada presença-actuante do Deus-Amor. Conhecer e aceitar, de uma forma verdadeiramente fecunda a nível da transformação do modo como vivemos e enquanto cristãos, a bondade<sup>38</sup> e a sacramentalidade de toda a Criação – e não apenas daquela que nos é útil<sup>39</sup> –, requiere dois elementos. Em concreto: desde logo, uma percepção, pelo menos conceptual já ao alcance do sem-fim do nosso coração, da Presença de Deus no Cosmos e, a partir daí, uma realização vivencial consciente de, e em (cf. At 17,28), tal Presença<sup>40</sup>.

É evidente que, naquilo que evita todo o panteísmo, Deus, na Sua essência, não tem uma afinidade ontológica com o Cosmos, mas pelo Seu criativo poder amoroso, o Logos divino, tal como sempre deixaram bem claro os Padres da Igreja, «penetra tudo sem Se misturar com ele»<sup>41</sup> (cf. Sb 7, 25), fazendo-Se, dessa

<sup>35</sup> Pierre Theilhard de Chardin, *Le cœur de la matière: Introduction: Le Buisson Ardent*, in IDEM, *Le cœur de la matière* (Paris: Seuil, 1976), p. 22.

<sup>36</sup> Cf. Teófilo de Antioquia, *Ad Autolyicum*, 1, 4, PG 6, 1030B.

<sup>37</sup> Gregório Magno, *Moralia in Job*, 16, 37, 45, PL 75, 1144C.

<sup>38</sup> Cf. Agostinho de Hipona, *De natura boni*, PL 42, 551-572.

<sup>39</sup> Cf. João Crisóstomo, *Homiliae in Genesim*, 10, 6, PG 53, 87.

<sup>40</sup> Cf. Wilfried Stinissen, *Into Your Hands, Father: Abandoning Ourselves to the God Who Loves Us*. (San Francisco: Ignatius, 2011), p. 25.

<sup>41</sup> João Damasceno, *Expositio Fidei orthodoxae*, 1, 13, PG 94, 852A.

forma e gerando uma esfera de cometimento perene, genuinamente presente no Universo. Eis uma Presença de Luz enquanto uma recíproca transcendência e imanência que adquire uma virtualidade ainda mais poderosa graças à Encarnação d'Este Logos, a qual fez, ainda mais, de todo o Cosmos recatadamente sacramental, tornando-o capaz de ser um genuíno condutor da Auto-comunicação divina<sup>42</sup>.

Por tal Encarnação, e por mais que isto possa frequentemente escapar à nossa consideração, todo o Cosmos é como que o mistério palpável de uma encarnação de proporções universais, que também surge para poder iluminar e revelar a oculta natureza divina<sup>43</sup>. Quando nos relacionamos, bondosa e cuidadosamente, com a Criação – de modo a reverenciarmos a esta igualmente como um dom e uma radiante presença de Deus –, não estamos senão a tornar ainda mais visível aquilo que Este, e pelo Cordeiro Pascal eterno que dá o mais profundo sentido e valor ao existente, já foi realizando desde, pelo menos, as origens daquela (cf. 1Pd 1, 20; Ap 13, 8).

A este respeito, Máximo o Confessor – seguindo, por exemplo, Gregório de Nazianzo<sup>44</sup> – é particularmente elucidativo e de grande auxílio para este nosso estudo. E é-o, nomeadamente, quando fala dos *logoi* das criaturas, graças aos quais cada uma destas patenteia a presença de Deus em si, bem como a Sua providência para as, e a meta derradeira das mesmas. Estes *logoi* estão intrinsecamente unidos no e ao Logos que nos amou «mais do que a Si mesmo»<sup>45</sup> e, por eles, Este está plenamente presente na infinita variedade de criaturas<sup>46</sup>, as quais precisam de se unificar pela acção sinérgica entre o Espírito Santo e um ser humano tido como mediador cósmico subsidiário de Cristo<sup>47</sup>.

De notar, ainda que de um modo muitíssimo breve, que, se os *logoi* são fixos – no sentido em que são expressões de uma vontade objectiva de Deus que não é flutuante –, eles não são estáticos. E não o são, dado que, transportando a carga designativa do amor, dão às criaturas os seus dinamismos internos ao inserirem-se, e por eles inserirem aquelas, no caminho para a meta da Criação<sup>48</sup>, já alcançada e acenada por Cristo Jesus. Deparamo-nos, precisamente aqui e na senda do que já temos estado a concatenar, com a natureza antinómica das criaturas enquanto sacramentos de Deus: todas elas são ontologicamente dis-

<sup>42</sup> Cf. Paul Evdokimov, "Nature", in *Scottish Journal of Theology*, vol. 18, n.º 1 (1965), 16s.

<sup>43</sup> Cf. João Escoto Eriúgena, *Expositiones super Ierarchiam caelestem*, 1, 1, PL 122, 129D.

<sup>44</sup> Cf. Gregório de Nazianzo, *Poemata theologica*, 1: *Dogmatica*, 29, PG 37, 507A-508A.

<sup>45</sup> Máximo o Confessor, *Epistolae*, 44, PG 91, 644A.

<sup>46</sup> Cf. Máximo o Confessor, *Capita gnostica*, 2, 4, PG 90, 1125D-1128A; Idem, *Ambigua*, 7, PG 91, 1081C; Idem, *Mystagogia*, 1, PG 91, 668A-B.

<sup>47</sup> Cf. Máximo o Confessor, *Ambigua*, 41, PG 91, 1308D-1313B.

<sup>48</sup> Cf. Máximo o Confessor, *Quaestiones ad Thalassium*, 60, PG 90, 622B.

tintas do Criador, mas estão todas em relação com Ele, mostrado que a verdade da Criação está decisivamente fora de si.

Consequentemente e neste enquadramento, o movimento característico do macrocosmos (que é o Universo) é o de, conjuntamente com o microcosmos (que é o ser humano), ir mais além da sua realidade fenoménica actual e deixar-se abraçar pelo Transcosmos (Deus). Posto isto, note-se que o céu e a terra não são – excepto em teologias que assim se revelam pouco “cristãs” – apenas prefigurativos do Novo Céu e da Nova Terra (cf. Ap 21,21), mas são, isso sim, substratos reais e incontornáveis dessa futura transformação perfeita. Como é fácil de notar e incumbe-nos realçar, a tensão, inegável, entre o Cosmos e a meta da acção criadora, acaba por dar lugar à possibilidade, física e metafísica (mas sempre espiritual), da Criação ser construída e reconstruída, não apenas no sentido de restabelecimento, mas igualmente no do que é novo (cf., *v.g.*, Rm 4, 17) e, sobretudo, «melhor»<sup>49</sup>.

A racionalidade do Cosmos, mesmo na sua «rude [...], perigosa [...], potente [...], universal [...], impenetrável [...], mortal [...]»<sup>50</sup> dimensão material, é uma dádiva de Deus a um ser humano que a deve sondar, cuidar e empregar de modo a conduzir aquele ao Seu Criador. Os *logoi* tornam-se, assim e na nossa opinião, como que *dia-logoi* com Deus através de uma nossa existência feita sacerdotal, na medida em que tomamos a Criação nas nossas mãos e, por vezes no seio de deslocções entrecortadas, oferecemo-la ao Criador<sup>51</sup>, personalizando ou humanizando, dessa forma, o Cosmos. E isto, seja pelas tarefas humanas, seja, de signo perdido em signo ganho, pelo que a própria Criação necessita para realizar o seu próprio ser.

Trata-se, realmente, de uma missão do ser humano sarar as divisões que surgiram no Cosmos criatural durante o processo criativo e, agora desnecessária e gravosamente, devido ao pecado, de modo a levar o Universo para aquela sua meta desejada por Deus: Ele mesmo, na Sua eterna dança de vida, amor e alegria pericorética<sup>52</sup>. Sarar, evidentemente e em quaisquer modulações de motivações, tão-somente mediante as distintas *decomposições* de um, sempre primigénio (cf. 1Jo 4, 10), amor assumido e vivido<sup>53</sup> pelo sujeito. Um amor que se fosse tido, em algum momento, como suficiente – e não como um dinamismo, nunca me-

<sup>49</sup> André de Cesareia, *Commentarius in Apocalypsin*, 65, PG 106, 424B.

<sup>50</sup> Pierre Theilhard de Chardin, *Le cœur de la matière: appendice 2: La puissance spirituelle de la matière*, in Idem, *Le cœur de la matière* (Paris: Seuil, 1976), p. 89s.

<sup>51</sup> Cf. Máximo o Confessor, *Questiones ad Thalassium*, 51, PG 90, 480B.

<sup>52</sup> Cf. Alexandre Freire Duarte, Bendito seja Deus que nos cumula de bens. In André Pereira; Carla Abreu Vaz (cor.), *Eu vim para que tenham vida: Itinerário temático da Celebração do Centenário das Aparições de Fátima* (2015-2016) (Fátima: Santuário de Fátima, 2015), p. 72.

<sup>53</sup> Cf. Máximo o Confessor, *Epistolae: 2: De charitate*, PG 91, 396C-D.

ramente argumentativo, de crescimento incessante – seria imediatamente um patente e inegável sinal de que «estar-se-ia perdido»<sup>54</sup> no caminho para a Vida.

Talvez pudéssemos, face ao que acabámos de mencionar, falar de colaboração humano-cósmica. Não cremos que fosse totalmente descabido fazê-lo, mas somente conquanto não se pensasse esta realidade no contexto simplificador – ainda que, quiçá, cortês – do se procurar colocar exclusivamente o que somos no Cosmos. Isso seria demasiado redutor e artificial. A via a seguir deve ser a de encorajarmos a natureza secreta do Universo – uma vez este unido a nós pela *amicitia* que, como uma certa forma suprema da *caritas*, une tudo o que existe na Criação<sup>55</sup> – a brotar num cântico de saudade e saudação. E isto, não mediante o transformar a realidade em produtos humanos, mas no elevar e trazer a mesma numa relação consciente com o Deus-Amor através do amor. Aquele amor conhecedor do fundamento primordial de um Logos feito «apalp[ável]»<sup>56</sup> e que nos é dado a conhecer e celebrar pela conjugação, mutuamente enriquecedora, das criaturas e das Escrituras<sup>57</sup>.

Note-se, presentemente e com alguma atenção, que aduzir que o Cosmos é um “sacramento”, pode, de certo modo e a partir de certas compreensões teológicas, ser diminuidor do mesmo, mas só se considerássemos “sacramento” como designando um “sinal” pseudo-custódio para algo exclusivamente além de si. Contudo, fora de compreensões estupefactas e para uma justa apreciação que a espiritualidade cristã faz da existência cósmica, devemos, por exemplo, ter bem em consideração que a consagração, abrindo fendas nas aparências, não cria uma espécie de matéria sagrada separada da demais. De modo algum: ela faz retornar a matéria ao seu sentido original e último; o que permitirá que se possa dizer que a mesma, ao ser humano, «erguê-lo-á maternalmente nos seus braços [...] e apertá-lo-á»<sup>58</sup> pela força amorosa do Espírito em si presente.

É justamente isto que acabámos de mencionar que nos mostra que existe uma continuidade, orgânica e espiritual, entre as qualidades «naturais» da matéria e a sua «sacramentalidade». Na realidade, ambas manifestam, por um lado, a intenção do Deus «que move todo o céu [...] com amor e desejo»<sup>59</sup> e, por outro, o poder transformador do Mesmo nela. Eis porque,

<sup>54</sup> Agostinho de Hipona, *Sermones*, 169, 18, PL 38, 926.

<sup>55</sup> Cf. Aelredo de Rievaulx, *De Spirituali Amicitia*, 1, PL 195, 666D-668B.

<sup>56</sup> Máximo o Confessor, *Questiones ad Thalassium*, 32, PG 90, 372C.

<sup>57</sup> Cf. Máximo o Confessor, *Ambigua*, PG 91, 1128C-D.

<sup>58</sup> Pierre Theilhard de Chardin, *La Messe sur le Monde*, in IDEM, *Le cœur de la matière* (Paris: Seuil, 1976), p. 151.

<sup>59</sup> Dante Alighieri, *Paradiso*, 24, lin. 132, in Antonio Lanza (ed.), *La Commedea: testo critico secondo i più antichi manoscritti fiorentini* (Anzio: De Rubéis, 1996), p. 710.

bem em linha com umas palavras de Francisco de Assis que deram título à segunda e tão polémica encíclica do Papa Francisco, se pode louvar a Deus pelas nossas irmãs, as criaturas: «Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas»<sup>60</sup>.

Como se pode comprovar – e recuperando, para aqui, o que já antes alegámos, ainda que de modo proléptico e de passagem –, se é indubitável que o Cosmos existe para a humanidade, também devemos admitir – de um modo genuinamente sério, ainda que porventura misteriosamente generativo – que é igualmente verdade que a humanidade existe para um Cosmos que «possu[i] um valor em si mesm[o]»<sup>61</sup>. Se, como já vimos, o Criador «deixou em todos os lugares um memorial visível das Suas maravilhas»<sup>62</sup> – para, por elas (que são, sem qualquer réstia de paganismo, uma vasta Sarça-ardente permeada pelo fogo do poder e da glória divina), o ser humano poder ascender até Si<sup>63</sup> (cf. Rm 1, 19s) –, Ele também comunicou o espírito ao ser humano para o bem de toda a Criação, de modo a que nada nesta fosse privado de uma partilha na comunhão com Ele<sup>64</sup>.

O Cosmos em si mesmo – e convém que isto fique bem ressalvado para uma recta cognição do que desejamos aduzir em todo este breve ensaio – só depende de Deus, mas o progresso para a sua meta – enquanto um *dever* dentro de um *porvir* – depende, como também já expusemos, da sinergia existente entre Deus e nós, e, como é evidente, ambas as realidades são expressões da única graça do Deus-Amor. Vendo-se assim as coisas, constata-se que o Mundo não é, para a espiritualidade cristã, devidamente entendido se for percebido como uma simples conglomeração de objectos, formas de vida e processos desprovidos de sentido. Ele só será correctamente conhecido se for considerado como uma imensa revelação do Deus-Amor que nos permite perceber, conhecer e falar adequadamente d’Este na justa medida em que d’Ele nos aproximamos pelo já notado amor<sup>65</sup>.

2.b) Já no que diz respeito à contemplação, feliz e admirativa, da beleza decorrente da harmonia e da complexidade de toda uma Criação que «está

<sup>60</sup> Francisco de Assis, “*Cantico di frate sole*”, lin. 5, in Enrico Menestò; Stefano Brufani (ed.), *Fontes Franciscani* (Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995), p. 39.

<sup>61</sup> Papa Francisco, *Laudato si*, 33 (Prior Velho: Paulinas, 2015), p. 26.

<sup>62</sup> Basílio de Cesareia, *Homiliae in Hexaemeron*, 8, 8, PG 29, 188A.

<sup>63</sup> Cf. Hildegarda de Bingen, *Liber divinatorum operum*, 3, 10, 14, PL 197, 996B-C; BOAVENTURA DE BAGNOREGIO, *Itinerarium mentis in Deum*, 1, 2, in Bernardino dal Vago da Portogruaro (ed.), *S. Bonaventurae opera omnia*, vol. 5 (Claras Aquas [Quaracchi]: Collegii S. Bonaventurae, 1891), p. 297a.

<sup>64</sup> Cf. Gregório de Nissa, *Oratio catechetica magna*, 6, PG 45, 25D-28A.

<sup>65</sup> Cf. Agostinho de Hipona, *Enarrationes in Psalmos*, 99, 5, PL 35, 1274.

carregada da grandeza de Deus»<sup>66</sup>, esta é o divisar a todas as criaturas de um modo não-pragmático<sup>67</sup> e não-aceticamente-analítico. Eis o ver, inteiramente amoroso, que mais nos identifica com a intenção divina para aquelas: «a manifestação exterior do ser íntimo das coisas é aquilo pelo que Deus mais Se preocupa, pois tal manifestação é o rosto de realidades bem mais profundas do que elas. [...] É pelo contemplar dessa manifestação, e não pela sua análise, que entramos nas suas verdades mais substanciais»<sup>68</sup>. Se é um facto que, para muitos dos nossos contemporâneos mais atreitos ao cinismo fácil da azáfama, tal contemplação pode parecer afastada da vida comum, não é menos verdade que, sem ela, a nossa pessoa, entregue ao corupio da azáfama dos pensamentos e das acções, pode sucumbir: «ver ou morrer. Eis a situação»<sup>69</sup>.

Este “sucumbir” não deve ser entendido, como é óbvio, em sentido biológico, mas espiritual, pois decorre do facto de que sem uma existência contemplativa – que considera a água como a delícia que sacia a sede (cf. Jo 4, 7) e não a soma de dois compostos químicos –, nós não temos todo o «alimento espiritual»<sup>70</sup> de que necessitamos para a nossa vida no e segundo o Espírito. De facto – e longe de querermos destilar um qualquer odor de polémica –, sem ela ficamos desprovidos da capacidade de deslindarmos o porque é, e o para que é, que existimos e, pior ainda, aquilo que faz o nosso coração brilhar.

Quando, depois de vivermos de modo veraz uma ascese de mortificação do desamor e de acolhimento da liberdade interior, deslindamos estas realidades sem absolutizarmos ou divinizarmos a Criação<sup>71</sup> – mesmo que se pudesse admitir um «panteísmo de diferenciação»<sup>72</sup> ou de amor –, poderemos viver de uma forma ordenada, equilibrada e até espiritualmente fecunda<sup>73</sup> os, por vezes indispensáveis, aspectos da existência que são mais comumente tidos como pragmáticos. Com efeito, vivendo-se dessa forma que permite «contemplar, no Espírito Santo, a verdade dos seres e das coisas»<sup>74</sup>, tornar-nos-emos capazes

<sup>66</sup> Gerard Manley Hopkins, “God’s Grandeur”, lin. 1, in Noman MacKenzie (ed.), *The poetical Works of Gerard Manley Hopkins* (New York: Oxford University Press, 1990), p. 131.

<sup>67</sup> Cf. Gregório de Nazianzo, *Orationes*: 14: *De pauperum amore*, 23, PG 35, 837A-B.

<sup>68</sup> George MacDonald, *Unspoken Sermons*, I, 2, 1.

<sup>69</sup> Pierre Teilhard de Chardin, *Le phénomène humain*. Paris: Seuil. 1956, p. 25.

<sup>70</sup> João Escoto Eriúgena, *Commentarius in Evangelium secundum Joannem*, PL 122, 340B.

<sup>71</sup> Cf. Teófilo de Antioquia, *Apologia ad Autolyicum*, 2, 4, PG 6, 1052A-C.

<sup>72</sup> Pierre Teilhard de Chardin, *Pour y voir clair*, 7, in Idem, *L’activation de l’énergie* (Paris: Seuil. 1963), p. 234.

<sup>73</sup> Cf. Isaac de Nínive, *Maximes*, 46, in Paul Sbath and Naoum Georges Thamaz (ed.), *Traité religieux, philosophiques et moraux, extraits des œuvres d’Isaac de Nínive par Ibn As-Salt* (Le Caire: Al-Chark, 1934).

<sup>74</sup> Máximo o Confessor, *Ambigua*, PG 91, 1360C.

de conhecer o «propósito pelo qual Deus criou originalmente tudo»<sup>75</sup>, saber o motivo de estarmos a agir no esquema geral do desígnio divino, e, consequentemente, evitar abusar da Criação, mas antes acariciar a mesma.

Na nossa opinião – susceptível de ser tida, sem maldade alguma, como utópica –, é fácil de constatar que, se os seres humanos fizessem da contemplação o eixo das suas realizações e vice-versa<sup>76</sup>, a maior parte das razões dadas para se invadir abusivamente o meio ambiente deixariam de existir. E deixá-lo-iam, não menos porque, no meio da coluna de fogo da delicadeza do amor, constataríamos, de um lado, que careceríamos de muito menos bens e, do outro, que aqueles de que verdadeiramente necessitássemos poderiam ser integrados dentro do maior e melhor amor das nossas vidas: contemplar e, daí, servir activamente o sentido e a beleza de Deus<sup>77</sup>. Quando se considera a realidade desta forma, a meio fio do que coevamente poderia ser tido como uma heresia pelos ecologistas mais exaltados, acaba-se por viver em órbita de uma contemplação da já anotada sacramentalidade cósmica.

Apreciando a Criação com os purificados olhos do coração (cf. Ef 4, 18), poder-se-ão vislumbrar sacramentos – sinais materiais da graça e, assim, do rosto misericordioso do Deus-Amor a dar-Se – em todas as realidades, quer as mais próximas do nosso prefácio, quer do nosso posfácio. Quando, depois de uma desapropriação interior de tudo o que distorce o nosso olhar – inclusive a desapropriação da desapropriação<sup>78</sup> –, abrimos os nossos corações para vislumbrarmos, «na medida da [nossa] pureza»<sup>79</sup>, todos os dons que procedem do Pai das Luzes (cf. Tg 1, 17), então, sim, a Criação torna-se um caudal interminável de bênçãos. Uma cornucópia de graças que ajuda a vislumbrar o motivo pelo qual o Logos esteve disposto, desde todo o sempre, a assumir carne e a juntar-Se à grande manifestação de umas criaturas de Deus que são expressões do Seu «carinho sem medida por nós»<sup>80</sup>.

Pois bem, se, neste contexto antes esboçado, a racionalidade e a proficuidade do Cosmos forem consideradas como uma manifestação da vontade de Deus, então a sua cognição apropriada requer mais do que informações e habilidades técnicas. Requer que nos acerquemos de Deus pelo já aludido amor declinado na vida sacramental e no empenho de nos descolarmos de nós mesmos. Por esta desapropriação prescindiremos, tal-qualmente, daquela relação predatória

<sup>75</sup> Máximo o Confessor, *Capita Theologiae et Oeconomiae*, 1, 44, PG 90, 1108B.

<sup>76</sup> Cf. Orígenes de Alexandria, *Exegetica in Psalmum*, 5, 13, PG 12, 1173B.

<sup>77</sup> Cf. Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais* [23]. Braga: A.I., 1999, p. 29.

<sup>78</sup> Cf. Simone Weil, "À propos du pater", in Idem, *Attente de Dieu* (Paris: Seuil, 1977), p. 219d.

<sup>79</sup> Isaac de Nínive, *Mystic treatises*, 66, ed. Arent Jan Wensinck (ed.) (Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1923), p. 316.

<sup>80</sup> Papa Francisco, *Laudato si*, 84 (Prior Velho: Paulinas, 2015), p. 59.

e viciante com o Cosmos que tem sempre na sua base um «erro antropológico»<sup>81</sup> e, como cremos estar a lograr indicar, até teológico. Esta dupla libertação – de nós e de uma acção despótica no Universo criado – permitir-nos-á fortalecer a antes anotada aproximação a Deus através da Criação, sobretudo porque nos possibilitará acercar-nos do restante desta, com um novo olhar. Um olhar que, numa espera sem demora, nos levará a perceber os seus *logoi* e ajudá-los, a partir de dentro da matriz cósmica do Reino, a plenificarem-se<sup>82</sup>.

Não sabemos se estaremos a exagerar se, no contexto do que afirmámos, dissermos que a vida do Cosmos – sobretudo nos momentos em que a chama do amor chega às nuvens – não é outra coisa além do Espírito Santo a nela agir. E isto, de modo a operar as condições de plenificação da Criação num Cristo que inseriu a Sua humanidade no âmago do coração da vida íntima do Deus-Amor. Ou seja, até que o Cosmos encontre a sua casa definitiva no “meio-ambiente” trinitário. E a encontre, de mãos dadas com a humanidade, em união com Aquele Espírito Santo de Deus que, onde sopra para nutrir todas as criaturas<sup>83</sup>, tudo faz reverdecer<sup>84</sup> nas mesmas, de modo a sustê-las na sua subida para Deus<sup>85</sup>. Nós, seres humanos, enquanto criaturas que escutam à porta dos sonhos de Deus, não temos outra opção além de, se desejarmos almejar a nossa genuína meta, viver em harmonia com toda Criação<sup>86</sup> através do *Logos*, e os *logoi*, da mesma.

Aquele crente que se dispuser a configurar com Cristo, cujo amor se derrama para abraçar todas as criaturas, começa a aperceber-se, ao redor de si e numa onda de lirismo anti-onírico, das relações desejadas por Deus entre os seres humanos e as demais criaturas, outorgando à Criação uma janela que a abre para a sua mais justa realização. Isto, porém, e por mais que as pontes verbais da banalidade pudessem deixar pensar o oposto, não é fácil. E não o é, não somente porque nada, ou quase nada, o é numa vida cristã que se constrói com a realidade «mais universal, [...] mais formidável [...], mais misteriosa»<sup>87</sup> e mais exigente que existe – o permanentemente «inexorável [...] amor»<sup>88</sup>. Mas,

<sup>81</sup> João Paulo II, encíclica *Centesimus Annus*, 37. In AAS 83 (1991) 840.

<sup>82</sup> Cf. Gertrudes de Helfta, *Legatus divinae pietatis*, 4, 6, *SCh* 255, p. 88-98.

<sup>83</sup> Cf. Ambrósio de Milão, *De Spiritu sancto*, 2, 36, *PL* 16, 750C-D.

<sup>84</sup> Cf. Hildegarda de Bingen, *Epistolae*, 96, *PL* 197, 318B; Idem, *Symphonia armonie celestium revelationum*, 24, in Barbara Newman (ed.), *Symphonia: A Critical Edition*, 2ª edição (Ithaca: Cornell University Press, 1998), p. 140.

<sup>85</sup> Cf. Mário Vitorino, *De Trinitate hymni*, 3, 72s, *PL* 8, 1143B-1146D.

<sup>86</sup> Cf. Isaac de Nínive, *Mystic treatises*, 81, ed. Arent Jan Wensinck (Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1923), p. 341.

<sup>87</sup> Pierre Teilhard de Chardin, *L'Esprit et la Terre*, in Idem, *Construire la Terre* (Paris: Seuil, 1958), p. 24.

<sup>88</sup> George MacDonald, *Unspoken Sermons*, I, 2, 1.

identicamente, porque o decidir-se a levar a sério tal percepção contemplativa comporta uma aprendizagem lenta e dolorosa, particularmente porque o começar a dar-se agudamente conta dos modos como nos temos relacionado, quer com a Terra, quer com os demais, pode revelar-se inquietante e desolador. Uma genuína *via dolorosa*.

Não queremos parecer, com o que findámos de aduzir, pessimistas ou desanimadores, mas, mesmo que com toda a nossa mais franca preocupação subjacente, tão-somente procurar ser realistas. Com efeito, aquele que quiser seguir o caminho apontado nos parágrafos anteriores, acabará, uma e outra vez e pelo meio de todos os «tristes tropiques» da sua vida, por encontrar-se com sordidez e fealdade onde poderia estar beleza e limpeza; decadência e desordem onde poder-se-ia encontrar harmonia e medrança. Mais: poder-se-á dar conta uma e outra vez de que o problema de base que suscita essa realidade é um certo «coração incircunciso, endurecido, empedernido»<sup>89</sup> e, conseqüentemente, uma latente pobreza espiritual negativa das pessoas envolvidas.

Por muito que nos custe dizer isto, estas são pessoas que – buscando a comodidade, a riqueza e a segurança acima de tudo<sup>90</sup> – acabam, metaforicamente ou não, por ver como hostis todos aqueles que falam a respeito do cuidado que se deve ter com o tecido comum de toda a existência. Aqueles que também dão, e não podem deixar de dar, a voz aos mais necessitados – com quem Jesus, de modo especial e num prolongamento da sua kénosis, Se identificou espiritual e afectivamente<sup>91</sup> (cf. Mt 25, 34-46) – pois estes são, sempre, os mais atingidos de todas as calamidades que ocorrem no meio-ambiente<sup>92</sup>.

Se assim é, uma das primeiras e mais importantes tarefas da espiritualidade cristã que deseje ter uma sensibilidade, contemplativo-operativa, cósmica de matriz crística, passa por ensinar as pessoas, e mormente os cristãos, a quererem ousar perder tais receios pseudo-freudianos. E isto, mediante o quererem seguir, sem qualquer sofisticação que afaste os pés nus do coração do chão da terra, a estreita via (cf. Mt 7, 13s) que levará a uma transformação espiritual em Cristo Jesus. Transformação esta que deve ser tão activa quão passiva e, sobretudo, emergindo de dentro para fora, tal como, resgatando para aqui uma imagem biológica teresiana, acontece com a comum «lagarta»<sup>93</sup>

<sup>89</sup> Pedro de Blois, *Epistolae*, 137, PL 207, 408A.

<sup>90</sup> Cf. João Crisóstomo, *Homiliae in Epistolam primam ad Corinthios*, 43, 2, PG 61, 369.

<sup>91</sup> Cf. Jean Vanier, *Jésus, le don de l'anour*. Paris: Fleurus; Montréal: Bellarmin, 1994, p. 184s.

<sup>92</sup> Cf. John Hart, "The Poor of the Planet and the Planet of the Poor: Ecological Ethics and Economic Liberation", in *University of St. Thomas Law Journal*, vol. 5, n.º 1 (2008), 144-182; Papa Francisco, *Laudato si*, 10 (Prior Velho: Paulinas, 2015), p. 11.

<sup>93</sup> Teresa de Jesus, *As Moradas*, 5, 2, 7, in Tomás Alvarez (ed.), *Obras Completas de Santa Teresa de Jesus*. Paço de Arcos: Edições Carmelo, 2000, p. 589.

da seda que, como se lê no mesmo eido, se metamorfoseia numa singular «borboleta branca».

Se isto for logrado, ainda que de modo aparentemente infinitesimal e apenas ao som de uma música sem cadência, os seres humanos tornar-se-ão capazes de se entregarem – inclusivamente na sua vivência espiritual no e com o Cosmos – a uma confiança confiada no «abismo da suprema eterna providência»<sup>94</sup> de um Deus-Amor, de Quem, em Cristo Jesus, nada nos pode afastar (cf. Rm 8, 38s). Uma confiança que não elimine, em nenhuma linha de quebra rebatida, nem a alegria do desfrute da Criação num festejo conjunto do amor de Deus<sup>95</sup>, nem a antecipação da plenitude da nova Criação e do reinado pacificado do Amor que Deus é. A Criação, por conseguinte, a ser vivida e celebrada como uma revelação da Santidade de Deus; isto é, como aquela já notada, e sempre contemplável, presença da misericórdia e «doce resguardo sem qualquer violência»<sup>96</sup> no e através do Cosmos.

Somente depois se poderá procurar educar tais pessoas para – indo de modo ego-desapagado por «esses montes e ribeiros [...] // bosques e espessuras / plantadas pela mão do Amado»<sup>97</sup> – transformarem os efeitos, na Criação, das suas acções<sup>98</sup>: de separação em reparação; de desfiguração em transfiguração; de espoliação em consagração e, no mais profundo significado espiritual do termo, amorosa conservação<sup>99</sup>. Por seu lado, será somente daqui que, de acordo com nossa inócua convicção, os crentes poderão adquirir: a faculdade de considerarem a Criação como veículo de instrução espiritual e de graça; o reconhecimento dos limites do lugar da humanidade dentro da ordem criada; a atitude “sabática” que deveria passar por um ritmo mais sereno para a vida das pessoas e das criaturas e a justa distribuição dos recursos; bem como, por fim e para não nos estarmos a alargar, o cultivo de virtudes amigas do Cosmos, no qual nós somos a sua existência numa relação consciente e pessoal com o Deus pessoal.

Apesar de já para elas termos apontado – tangencialmente e por entre poros de abstinência contida, no primeiro apartado deste estudo, quando nos referimos, com vocábulos que nos faltam, à vida de Jesus Cristo –, talvez possa

<sup>94</sup> Catarina de Siena, *Il Dialogo della Divina Provvidenza*, 153, ed. Giuliana Cavallini (Roma: Edizioni Caterniane, 1968), p. 443.

<sup>95</sup> Cf. Máximo o Confessor, *Questiones ad Thalassium*, 60, PG 90, 621A-B.

<sup>96</sup> Ralph Cudworth, *The True Intellectual System of the Universe* (London: Royston, 1678), p. 123.

<sup>97</sup> Juan de la Cruz, *Cântico B*, lin. 12.16s, in Lucinio Ruano de la Iglesia (ed.), *Obras completas de San Juan de la Cruz*, 2ª edição (Madrid: BAC, 2002), p. 735.

<sup>98</sup> Cf. Jame Schaefer, *Theological Foundations for Environmental Ethics* (Washington D.C.: Georgetown University Press, 2009).

<sup>99</sup> Cf. John Muir, *A Thousand-Mile Walk*, in Frederic William Badè (ed.), *The writings of John Muir* (Boston; New York: Houghton Mifflin, 1916), p. 324.

parecer estranho reportar-nos a “virtudes amigas do Cosmos”. Não obstante, talvez esteja na altura de se poder reconhecer que, de facto, algumas das tradicionais virtudes cristãs – sempre a precisarem de ser ordenadas pelo amor<sup>100</sup> (cf. Ct 2, 4) – são-no realmente. A saber, e entre outras que também decorreriam de um amor contemplativo que, «na conjugação do amor a Cristo e aos demais [...] que transborda [...] por aquilo que, nas criaturas, contém algum germe de vida eterna»<sup>101</sup>, leva a «uma tranquilidade muito pacífica [...] no meio do tumulto das coisas exteriores»<sup>102</sup>: a humildade; o auto-domínio; a moderação; a serenidade; a honestidade; o desprendimento; a esperança; e um amor que, agrupando todas as demais num símbolo revelador, nos permite passar do tentarmos fazer grandes coisas por Deus a esperarmos e vislumbrarmos Deus a fazer grandes coisas (cf. Ef 3, 20s) por nosso intermédio (cf. Mt 28, 18ss).

Sejamos francos: somente isto nos permitirá viver – no, face ao, e também em benefício do Cosmos em conjunto com um Deus-Amor «que não pode não querer que o que cria se crie»<sup>103</sup> – como co(m)-agentes-de-criação (cf. Gn 2, 15) pela bondade e jamais pela «irrita[ção], [a] cobi[ça], [a] lamenta[ção]»<sup>104</sup>. Mas não só: igualmente e fruto da precedente realidade – que aponta para uma vocação de vigilância da qual também brota a, já mencionada, espiritualidade de cuidado pela Criação –, como co(m)-agentes-de-misericórdia<sup>105</sup> (cf. Lc 6, 36) em conjunto com aquele mesmo Deus-Amor que, na Sua relação com uma Criação carente e padecente, Se revela tendo como nome “Misericórdia”<sup>106</sup>.

Não nos resta muito espaço para terminarmos este breve trabalho que porventura não está isento de contaminações egocêntricas. Limitações compreensíveis, e por nós atempada e intra-territorialmente aceites, impedem-nos de rematar o mesmo como gostaríamos, donde preferimos findá-lo tão-somente mediante uma simples partilha. Uma partilha constituída por um dos mais belos poemas que, tocando a temática deste estudo, tivemos a oportunidade de contactar, ler e admirar: “Eu vejo o Seu Sangue sobre a Rosa” de Joseph Plunkett:

<sup>100</sup> Agostinho de Hipona, *De civitate Dei*, 5, 22, PL 41, 467.

<sup>101</sup> Pierre Teilhard de Chardin, *Le Milieu divin* (Paris: Seuil, 1957), p. 183.

<sup>102</sup> Gregório Magno, *Moralia in Job*, 18, 43, 70, PL 76, 79C.

<sup>103</sup> François Varillon, *L'humilité de Dieu* (Paris: Bayard, 2000, p. 118).

<sup>104</sup> Gregório de Nissa, *In Scripturae verba: Faciamus [...]*, 1, PG 44, 264C.

<sup>105</sup> Cf. João Crisóstomo, *Expositio in Psalmos*, 4, 5, PL 55, 46.

<sup>106</sup> Cf. Francisco/Jorge Mario Bergoglio e Andrea Tornielli, *O nome de Deus é Misericórdia: uma conversa com Andrea Tornielli* (Lisboa: Planeta, 2016).

«Eu vejo o seu sangue sobre a rosa  
E nas estrelas a glória dos seus olhos,  
O seu corpo tremeluz nas eternas neves  
As suas lágrimas caem dos céus.

Eu vejo a sua face em cada flor;  
O trovão e o cantar dos pássaros  
Não são senão a sua voz – e esculpidas pelo seu poder  
As rochas são as suas palavras escritas.

Todos os trilhos pelos seus pés estão gastos,  
O seu poderoso coração mexe o sempre agitado mar,  
A sua coroa de espinhos está entrelaçada a cada espinho,  
A sua cruz é cada árvore»<sup>107</sup>.

---

<sup>107</sup> Joseph Mary Plunkett, “I see His Blood upon the Rose”, in Idem, *The Circle and the Sword* (Dublin: Maunsel & Company, 1911), p. 30.